

## Apresentação

### Cordão

Ninguém  
Ninguém vai me segurar  
Ninguém há de me fechar  
As portas do coração  
Ninguém, ninguém vai me sujeitar  
A trancar no peito a minha paixão.  
(Chico Buarque, n.d.)

No início do século XXI, experimentamos a ampliação do fazer democrático com um governo brasileiro de “concertação”, de diálogo entre os diferentes em uma mesma mesa, e a construção progressiva de consensos em prol da maioria ou dos historicamente menos favorecidos.

Imersos em suas próprias contradições, direitos foram ampliados, conquistas foram celebradas e a luta seguia na vã tentativa de humanizar o capital, enquanto se agudizavam as diferenças de percepção social, de atuação do Estado e de liberdade econômica.

A recente reinvestida do capital financeiro, de cunho neoliberal, revestido de um discurso religioso e conservador, promoveu um golpe de Estado e derrubou a primeira presidente democraticamente eleita no Brasil, Dilma Rousseff. Discursos fascistas, de apologia a generais que torturaram durante a ditadura militar (1964-1985), e discursos moralistas, em nome de Deus, da pátria e da família, promoveram um retrocesso sem parâmetros em prol da mudança de rumos do país para atender às demandas do capital externo, dos empresários e das “meretrizes” da política nacional.

---

No “novo” ciclo de crise do Estado e da economia (Avritzer, 2011), questionamos os sistemas de governo, a democracia e as políticas de inclusão/exclusão socioeconômica e cognitiva das minorias. Em paralelo aos tradicionais aparelhos ideológicos do Estado (Althusser, 1996), a tecnologia vem cumprindo um papel entorpecente com as chamadas *fake news* (notícias falsas) sobre política, publicadas em *sites* administrados por anônimos ou pseudônimos, que divulgam matérias para inúmeros seguidores (Haubrich & Santos, 2019, Ricarte Lanz, 2019). As compras de disparos em massa nas “redes sociais” realizadas por empresários vêm influenciando a opinião pública e dirigindo o olhar de parte massiva da população como marionetes, manipulada por pessoas ocultas atrás de uma tela.

Nesse cenário contraditório, reinventado e imerso em um estratagema tecnológico, urge a necessidade de re-pensar práticas e sistematizar resistências locais, regionais e globais. Partimos do pressuposto de que “Ninguém vai me segurar / Ninguém há de me fechar / As portas do coração” como afirma o poeta político Chico Buarque (n.d.) e a ideia de que, socializando experiências e resistências, as portas do coração trilham novos caminhos.

Mudanças políticas, sociais e educacionais e sua interseção com as artes são sistematizadas neste *dossier*. Movimentos, manifestações artísticas e políticas públicas que afirmam o direito à educação pública, gratuita, universal, obrigatória, como direito subjetivo, à diversidade cultural e étnica e ao ensino de artes em suas múltiplas expressões são questionados e multiplicam-se os embates sobre o aprofundamento ou a suspensão de tais diretrizes. Ao mesmo tempo:

Não há uma educação universal, boa em si. Ela é uma forma irresistível, imposta sobre os outros para cumprir fins determinados de fora. Se não podemos nos libertar totalmente do seu poder, o conhecimento dele pode atenuar seus efeitos. Se cada sociedade considerada em determinado momento histórico do seu [desenvolvimento] impõe um tipo de educação, é necessário que conheçamos esta sociedade e seu momento histórico se queremos desnudar o seu sistema de educação. Especialmente quando é preciso reverter o processo em que se está mergulhado (Rodrigues, 2001, p. 78).

Considerando que a educação reflete o momento histórico em que se desenvolve, na modernidade, a educação escolar tem por finalidade a humanização do homem por meio da identificação dos elementos culturais historicamente acumulados. No entanto, nesta era da informação e da comunicação e em uma sociedade complexa, repleta de canais mediados pela escrita, se a informação não for organizada, refletida e sistematizada, ela não constitui conhecimento. Segundo Alarcão (2003, p. 13):

---

As mensagens que neles passam apresentam uma miríade de valores, uns positivos, outros negativos, de difícil discernimento para aqueles que, por razões várias, não desenvolveram grande espírito crítico, competência que inclui o hábito de questionar o que lhe é oferecido.

Reverter o processo em que estamos mergulhados, por exemplo, de militarização das escolas, envolve lutar pela educação escolar pública para todos que possibilite, a partir da apropriação crítica do saber, que todos possam selecionar o fundamental, o essencial e o necessário, tendo como ponto de partida as reais necessidades sociais da comunidade. Para Arroyo (1986, p. 19), há um projeto específico de classe em curso na história da educação brasileira

[...] que só pode ser enfrentado por outro projeto 'da' e 'para' a classe antagônica, visando à apropriação e à redefinição desse projeto a serviço de interesses de classe, e não a serviço da melhor sorte e da ascensão de alguns indivíduos.

Portanto, concordamos com Edgar Morin (2019) que “resistência é um tema central para educação” e que, em uma época de crise da democracia e de retrocessos em diversos países, devemos manter os ideais de fraternidade humana, de economia solidária, de um oásis, de uma vida humana que não obedeça aos poderes econômicos.

Nesse caminho alternativo, reconhecemos as contribuições científicas na interface entre educação, arte e política. Elas ampliam a percepção para além dos profissionais que produzem arte, dos intelectuais que pensam as ciências e dos professores que ensinam. No entanto, o diálogo entre o eu e o outro, no girar dos mundos, denota um dos maiores desafios do tempo presente, posto que:

No silêncio do azul profundo, eu não ouço o girar dos mundos. Mas, cada um seu som lançando, todos em coro vão cantando. Todos seu rumo próprio têm, sem [se desviar] aqui e além. E cada um por leviandade, jamais o rumo alheio invade. E em torno do sol vão-se movendo, a própria órbita mantendo. Mas há uma força que os atrai, que vem do sol e entre eles vai e que os mantém interligados, cada um por si, mas lado a lado, como crianças, dando as mãos, brincam de roda – irmãos e irmãs. Poesia, O girar dos mundos (Salles, 2003, p. 113).

O movimento entre o singular, específico, e o geral, plural e diverso, transcende conceitos desajustados da contemporaneidade, que ainda mantém a ciência presa a um

---

ciclo fechado de métodos ortodoxos e achados predeterminados. Tais ciclos se consolidaram na *modernidade* que erigiu Estados-nações, sistemas coloniais e paradigmas científicos (Kuhn, 1991), dispendo de muros, moedas e fronteiras físicas, econômicas, simbólicas e teóricas, visando a se afirmar como hegemônicos, com vistas a institucionalizar a identidade cultural e científica de um grupo. Na *pós-modernidade*, esse projeto é questionado ao desnudar contradições como a diversidade cultural, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas (Constituição da República Federativa do Brasil [CF], 1988, art. 206, III) e a desigualdade socioeconômica e cognitiva, fazendo (res)surgir os conflitos culturais e étnicos.

A colonialidade é constitutiva da modernidade, ou seja, são duas faces da mesma moeda, pois, nessa interseção, a Europa produziu ciências humanas como modelo único e universal, bem como deserdou todas as epistemologias da periferia do Ocidente (Oliveira & Candau, 2010). A colonialidade se fundiu na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial (Quijano, 2007) e a perspectiva da decolonialidade da existência, do conhecimento e do poder é contra a não existência, a existência dominada e a desumanização que povos historicamente subalternizados, invisibilizados, ao se afirmar, reconhecerem-se e fomentam outros modos de ser, de viver, de relacionar-se e de pensar.

Há divergências teóricas e políticas em torno dos termos e acepções *decolonial* e *descolonial*. O primeiro busca a compreensão do mundo por meio de suas interioridades, de seu espaço geográfico, e quer superar a modernidade europeia, ao mesmo tempo que denuncia sua colonialidade. Para o pensamento descolonial não há qualquer epistemologia que possa reclamar o monopólio sobre o pensamento crítico no planeta, no entanto, ao buscar a libertação e emancipação, cai-se nas teias da modernidade europeia (Mignolo, 2003), também fazendo parte do conjunto da colonialidade.

Tais perspectivas pressupõem, portanto, um diálogo transepistemológico (Mignolo, 2003) entre a tradição ocidental e a diversidade de categorias suprimidas sob o ocidentalismo e o eurocentrismo. Assim:

Eu não vou desesperar  
Eu não vou renunciar  
Fugir  
Ninguém  
Ninguém vai me acorrentar  
Enquanto eu puder cantar  
Enquanto eu puder sorrir.  
(Chico Buarque, n.d.)

---

A arte presente no cotidiano, conectada ao sentir, que se expressa em múltiplas linguagens, é essa força que nos atrai no girar dos mundos, no encontro entre as ciências sociais e humanas da educação, da arte e da política que nos inspira a constituir este *dossier* como ponte que liga e mantém interligado, cada um por si, mas lado a lado, como crianças dando as mãos, brincando de roda – irmãs e irmãos – “Enquanto eu puder cantar / Enquanto eu puder sorrir”; afinal, “todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver” (Brecht, 2003, p.15).

Do convite feito a artistas, cientistas e políticos muitos não renunciaram e seguiram sistematizando suas perspectivas, que aqui são cantadas, com o intuito de alimentar corações e gerações, de inspirar a sorrir e a, mesmo em tempos de retrocesso, de recessão, de crise, de reinvestida do capital, ter:

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá  
Nós podemos tudo, nós podemos mais  
Vamos lá fazer o que será.  
(Nunca Pare de Sonhar, Gonzaguinha, n.d.)

Os artigos aqui publicados apresentam investigações empíricas, experiências individuais e coletivas, alternativas e resistências, entre outras vivências, apoiadas em análises e reflexões teóricas e metodológicas. Diferentes territórios são apresentados em um diálogo entre os quatro pontos cardeais. Ao Leste, em Cabo Verde, o “desconseguir” o lugar da educação artística; ao Oeste, transitando por 3 regiões do Brasil (Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste) e pelos movimentos sociais da América Latina; e do Sul para o Norte, partimos da realidade local, seguimos o diálogo transepistemológico e desvelamos as ofensivas atuais, que subordinam a educação, a arte e a política a ditames econômicos, que se manifestam cá e acolá, e as variadas formas de resistência.

Em síntese:

Alguém vai ter que me ouvir  
Enquanto eu puder cantar  
Enquanto eu puder seguir  
Enquanto eu puder cantar  
Enquanto eu puder sorrir  
Enquanto eu puder cantar  
Enquanto eu puder...  
(Chico Buarque, n.d.)

---

Ouvindo o canto entoado no Leste, o artigo “O lugar ‘não desconsolidado’ da educação artística no Sul”, de Rita Rainho e Ana Reis, questiona a ponte entre a utopia e a realidade vivenciada na Mindelo\_Escola Internacional de Arte (M\_EIA), em Cabo Verde. Mostra-se oportuno destacar esse projeto irreverente de luta por práticas de educação artística descolonizada, por meio da relação com os projetos de desenvolvimento local do Atelier Mar, na Ilha de São Vicente.

Fomentando o diálogo Sul-Sul e os saberes de povos historicamente invisibilizados, a articulação entre arte, educação e formação humana no âmbito da práxis política dos movimentos camponeses e indígenas latino-americanos é abordada no artigo “Estética da resistência: arte sentipensante e educação na práxis política indígena e camponesa latino-americana”, de Lia Pinheiro Barbosa. Argumenta-se que a concepção de arte tecida por esses sujeitos políticos emerge de uma apreensão do *coração* como núcleo epistêmico e ontológico de seus sentimentos, de seu pensamento e de sua ação política – uma *arte sentipensante* – que demarca outro paradigma de pensamento e de construção do conhecimento.

Tratando da realidade nacional, isto é, a *Terra Brasilis*, temos 8 artigos que abordam a temática deste *dossier* em 3 regiões, revisitando experiências, alternativas e resistências em sala de aula, em programas de graduação e pós-graduação, em espaços institucionalizados e de educação não formal, dentre outros.

O ensino e a aprendizagem das artes e, em especial, da linguagem teatral em 2 cursos de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) – da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – são abordados no artigo “Formação estética e organização social: teatro na Licenciatura em Educação do Campo”, de Rafael Litvin Villas Bôas e Kelci Anne Pereira. São descritas e analisadas experiências e a formação de grupos teatrais em comunidades rurais, com vistas a compreender em quais aspectos a formação teatral contribui com a formação de educadores, em perspectiva emancipatória.

Da experiência coletiva do Grupo de Teatro Terra em Cena, seguimos o caminho buscando compreender trajetórias individuais, como no artigo “Tapeçarias de Madalena dos Santos Reinbolt: identificação de arte e artista popular”, de autoria de Delton Aparecido Felipe e Eliane Cristina da Silva. Esse estudo objetiva compreender como a artista popular negra representa seu universo cultural por meio do trabalho em duas tapeçarias, discutindo concepções de arte e artista popular, a partir da lente dos Estudos Culturais, e analisa o lugar de fala da mulher-negra-tapeceira.

Mergulhando na interface entre arte e educação, Edite Oliveira Colares Marques apresenta seu percurso histórico com base na legislação e na experiência de docência em Arte-Educação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) no artigo “Considerações sobre educação, arte e política: experiências, alternativas e resistências”. A análise da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) destaca a redução do espaço do ensino de arte, ao

---

mesmo tempo que nos brinda com caminhos alternativos de garantia de acesso à arte e à cultura.

Partindo da crítica de que vivemos uma época em que o paradigma dominante é científico, o artigo “Arte, educação científica e política: diálogos plurais”, de Thelma Lopes e Monica Santos Dahmouche, analisa ações de educação não formal desenvolvidas na área de divulgação científica pelos “Espaços da Ciência”, vinculados à Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj). Nesse estudo, o entrelaçamento de diferentes campos do conhecimento propõe desafios específicos dispostos em múltiplas camadas, desde o status de cada campo, as políticas e as estratégias pedagógicas.

As diferentes linguagens artísticas são abordadas em 3 artigos, começando pela discussão acerca do papel da arte na educação e do uso do bordado como meio de expressão individual e gráfica – abordagem das professoras pesquisadoras Danielle Fernandes e Jeannette Filomeno Pouchain Ramos no artigo “Entre movimentos, linhas e formas: o bordado na prática docente”. Esse estudo trata da experiência de ensino na componente disciplinar “Corpo, Dança Afro e Educação”, do curso de Graduação em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Nessa abordagem, a arte faz parte de uma prática necessária para acessar conteúdos sensíveis do indivíduo consigo, com o grupo e com os conhecimentos historicamente sistematizados, entendendo a arte como mediadora na educação e a criatividade como inerente ao ser humano em todas as esferas do viver.

O artigo “Arte, gênero, movimento estudantil: experiências com ocupação e pintura de murais”, de Silmara Peixoto Moreira e Francisco Vitor Macedo Pereira, aborda a diversidade das mulheres e a integração de culturas que constituem a UNILAB em 2 trabalhos artísticos de muralismo, frutos de intervenções artísticas em 2016 e 2018.

Já “Processos de resistência: a cerâmica do Quilombo de Conceição das Crioulas”, de Flávia Wanderley Pereira de Lira, José Carlos de Paiva e Maria das Vitórias Negreiros do Amaral, reflete, à luz de Hannah Arendt, o sentido da co-labor-ação na produção material, a partir de vivências ligadas ao fazer-viver da cerâmica na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, situada no sertão central de Pernambuco. De natureza fenomenológica e abordagem qualitativa, esse estudo se fundamenta em relatos e registros das vivências e em narrativas dos mestres e das pessoas da localidade.

Do Norte, da Europa Central, resistindo às atuais ofensivas da mensurabilidade da qualidade de ensino, da otimização e da eficácia curricular, do desenvolvimento de métodos por competências pedagógicas, da utilização de mídias digitais na infância e da alfabetização precoce para atender a demandas de mercado, o artigo “Educação, cultura e estética na primeira infância: Projeto Amares, em Colônia, Alemanha”, de Helza Ricarte Lanz,

---

apresenta uma forma de resistência à subordinação da educação aos ditames econômicos, formando crianças felizes, conscientes e responsáveis para a vida.

Para concluir, aqui, educadores, políticos e artistas são convocados a mergulhar em produções decolonizadoras que ressaltam o potencial criativo de experiências, alternativas e resistências nos quatro cantos da Terra, pois “Ninguém vai me acorrentar / Enquanto eu puder seguir / Enquanto eu puder cantar / Enquanto eu puder sorrir”, como nos ensinou o mestre Chico Buarque (n.d.), e, assim, o espírito crítico é uma competência que inclui o hábito de questionar.

Desejo ótimas leituras a todos!

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos  
*Professora na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -*  
*UNILAB*

Organizadora.

---

## Referências bibliográficas

- Alarcão, I. (2003). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva* (2a ed.). São Paulo, SP: Cortez.
- Althusser, L. (1996). Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. In S. Zizek (Org.), *Um mapa da ideologia* (pp. 105-142). Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.
- Arroyo, M. G. (1986). A escola possível é possível? In M. G. Arroyo (Org.), *Da escola carente à escola possível* (pp. 11-53). São Paulo, SP: Loyola.
- Avritzer, L. (2011). Governabilidade, sistema político e corrupção no Brasil. In L. Avritzer, & F. Filgueiras (Orgs.), *Corrupção e sistema político no Brasil* (pp. 34-62). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Brecht, B. (2003). *Bertolt Brecht: poetry and prose*. New York, NY: Continuum International.
- Buarque, C. (n.d.). Cordão (Arquivo de Vídeo). Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=ptnnyYp9rEI>
- Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988*. (1988). Brasília, DF.
- Gonzaguinha. (n.d.). *Nunca Pare de Sonhar* (Arquivo de vídeo). Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=pNyoOdNL7so>
- Haubrich, A., & Santos, N. B. (2019, maio). Visibilidade e debate público sobre o caso Bolsonaro/WhatsApp nas capas dos jornais. In *Anais do 8o Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política*. Brasília, DF. Recuperado de [http://ctpol.unb.br/compolitica2019/GT8/gt8\\_Haubrich\\_Santos.pdf](http://ctpol.unb.br/compolitica2019/GT8/gt8_Haubrich_Santos.pdf)
- Kuhn, T. S. (1991). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Mignolo, W. (2003). *Histórias globais/projetos locais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar*. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG.
- Morin, E. (2019). “Resistir às incertezas é parte da Educação”, diz Edgar Morin (Entrevista). Recuperado de <https://oglobo.globo.com/sociedade/resistir-as-incertezas-parte-da-educacao-diz-edgar-morin-23723035>
- Oliveira, L. F., & Candau, V. M. F. (2010). Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*, 26(1), 15-40.
- Quijano, A. (2007). Colonialidad del poder y clasificación social. In S. Castro-Gómez, & R. Grosfoguel (Orgs.), *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (pp. 93-126). Bogotá, Colombia: Siglo del Hombre.
- Ricarte Lanz, H. (2019). Mobilisieren. In M. Krebs, & J. N. Napoles (Hrsg.), *Bewegungen denken. Pädagogisch-anthropologische Skizzen*. Basel, Schweiz: Beltz.

---

Rodrigues, N. (2001). *Lições do Príncipe e outras lições* (20a ed.). São Paulo, SP: Cortez.

Salles, R. (2003). *Aprendendo com poesia*. São Paulo, SP: Instituto de Arte Social.

---

## Para citar esta apresentação:

### Norma A – ABNT

RAMOS, J. F. P. Apresentação: Educação, arte e política: experiências, alternativas e resistências. Conhecer: *Debate entre o Público e o Privado*, v. 9, n. 23, p. 5-15, 2019.

### Norma B – APA

Ramos, J. F. P. (2019). Apresentação: Educação, arte e política: experiências, alternativas e resistências. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 9(23), 5-15.

### Norma C – Vancouver

Ramos JFP. Apresentação: Educação, arte e política: experiências, alternativas e resistências. Conhecer: Debate entre o Público e o Privado [Internet]. 2019 [cited Ago 1, 2019];9(23):5-15. Available from: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/1428>

## Ficha técnica Conhecer:

ISSN 2238-0426

DOI 10.32335

### Diretor Geral e Editor Responsável

Prof. Dr. Francisco Horacio da Silva Frota - Universidade Estadual do Ceará (UECE), Brasil

### Editora Executiva

Profa. Ma. Maria Andréa Luz da Silva

### Projeto Gráfico de capa e miolo

Ana Carolina Frota

### Diagramação

Eleni Lopes

### Normalização, Revisão e Tradução

Evandro Lisboa Freire - E.L. Freire Editora

### Secretária

Juliane Queiroz